

BORI COMIDA À CABEÇA

Orí o – A cabeça

Orí o pé ré – A cabeça trará coisas boas

Os yorubás acreditam que, ao nascer, cada ser humano escolhe sua cabeça, seu orí . Orí de tal modo que seu destino, assim como sua sorte.

Em se tratando de apoiar-se nas divindades para a plena realização e eficiência dos rituais propiciatório, alguns sacerdotes não se inclinam à vontade dos Orixás, e nesse ponto seria demasiadamente desagradável relatar fatos desta natureza. No entanto, cabe-me afirmar que Exu ainda cria polêmica quanto à sua atuação. É identificado por uns tanto como o autor que desempenha papel análogo ao demônio cristão, e por tantos outros, que nos últimos tempos acessam a literatura, como trickster,, ou ainda, o grande mensageiro entre os homens e as divindades, entre si. Independentemente desta ou daquela concepção exu é sempre merecedor de oferendas propiciatórias, pois dele depende a compatibilização entre as diversas forças que são conclamadas em cada ritual. Cabe a eu lembrar desses aspectos, que são universais nos terreiros de cultos Afro-brasileiros.

Depois de o Abiã ter feito seu diálogo com o zelador e jogo de búzios. Que acabou de descrever sua lista. Essa é a lista tirada em minha casa para esta obrigação a Orí.

- 1 Quartinha de barro
- 1 Obi
- 1 Orogbo
- 1 Litro de mel
- 1 lata de azeite doce
- 1 Quilo de milho de canjica
- 1 Peixe de carne branca com escama
- 1 Eiylé
- 1 Frango branco
- 1 Fio de conta de Yemonjá
- 1 Fio de conta de Osáálà
- 1 Fio de conta de Orisá
- Ervas de acordo com seu Orisá
- 1 Esteira
- 1 Pedra de Osun
- Bola de Ori Africano
- Frutas diversas
- Velas de sete dias
- Palmas brancas

Nesse mesmo dia, (Paulo Ganga D' Esú) solicitou-se a Abiã uma quantia em dinheiro, para suprir despesas com alimentação do mesmo e de todas as pessoas que estariam participando do ritual. Numa sexta feira já marcada, os alimentos já estavam preparados, e o Ronko (quarto de recolhimento ritual) já está pronto para receber a Abiã algo apreensivo, o que era perfeitamente compreensível,, já que ele nunca havia freqüentado um terreiro antes. Uma hora depois de o Abiã ter chegado para sua obrigação o Abiã é recolhida, anteriormente tinha tomado banho de ervas. Já vestido totalmente de branco esperando deitada numa esteira.

O Bori em que é louvada a vida como o primeiro de tudo, o ritual do Bori assegura a

perpetuação do Axé força sagrada individual, pois o próprio Ori tem o status de divindade na religião dos Orixás.

Coloca-se os alimentos diante do ori do abiã, que nesse momento esta deitado. Mel, azeite doce, dendê, sal, banha de ori, asun, obi, Orogbó coloca-se em vasilhas brancas de louças pequenas. Os contra eguns e os fios de contas são colocados numa vasilha com ervas quinadas.

Com tudo já preparado já passando um pouco das zero hora Paulo Ganga D' Esú entra para o Ronko acompanhado de Ogans, Ejedi, Yíá kekeré e mais alguns filhos de santos da casa.

Sentado no Apéré – banco, e após sentar o Abiã em sentido para receber as oferendas, (Paulo Ganga D'Esú). Iniciou o ritual com a seguinte prece:

MUTUMBÁ ESÚ
MUTUMBÁ OGÚN
MUTUMBÁ YEMONJÁ
MUTUMBÁ OSÁÁLÀ
MUTUMBÁ A TODOS OS ORIXÁS

Em seguida o zelador pega-se o obi na mão direita, abre-se o Obi molhando-o na água da quartinha. Coloca-se na palma da mão direita, fechando em forma de concha. Com a mão esquerda batia na mão direita dizendo:

KAMARA IKÚ que não haja morte
KAMARA ARÚN que não haja doenças
KAMARA OFÓ que não haja perdas
KAMARA OJÚ KREKRÉ que não hajam olhos ruins
AIKÚ BÁBÁ WÁ que o pai dê vida longa

Zelador pegou um prato branco e deixou cair às quatro partes do Obi que estava em suas mãos, falando (Aláfíá Bábá, Afáfíà). Caindo as quatro partes para cima significa aceitação por Yemonjá conhecida como mãe das cabeças, as oferendas que receberia em nome do Ori daquele Abiã.

Após este primeiro ato, o zelador cantou:

ORÍ LÉ YEMONJÁ
ORÍ O ORÍ TEMONJÁ

Nesse momento têm que existir um verdadeiro respeito, não só pelo ritual em si, mais também com relação a imagem de Yemonjá.

Em seguida pega-se as quatro parte do Obi separe duas delas e partir um do s cotilédones, dando um pedaço para a Abiã comer e o zelador mastigar o restante, logo após mastigado faz-se um bolo mistura com Ofún, colocando esta mistura no alto da cabeça das Abiã cantando:

ORI, ORI ASÉ Cabeça, cabeça é força
ASÉ ORI Ò A força da cabeça

Em seguida o zelador toma-se a pomba já com afolha da costa untada com mel ou azeite doce, coloca-se entre os dedos de sua mão e de uma só vez puxar decapitando, despejando o sangue sobre o montículo que estava na cabeça do Abiã, bem como deixando cair sobre a quartinha de barro, realizando assim um pacto entre a cabeça do Ayé e a cabeça do Orún durante esse ato o zelador canta:

EIYLÉ O pombo
E NWÁ J'ADIÉ É nossa galinha
OLUWO OJÚ MON MON Dono do segredo, o dia já amanheceu
MOJUBÁ LOJÚ OLORÚN Reverenciamos na presença de Olórun
OJÚ MON MON Ao amanhecer o dia
ÀGÓ ÁLÁ Com licença do Alá da pureza
OLORÚN K'ÌBÁ SÉ Que a bênção seja aceita
OLÚWÓ OJÚ MON MON dono do segredo, o dia já amanheceu

Ale do éjé colocado no ori do Abiã o zelador marcou suas têmporas, peitos, costas ombros. Também os fios de contas que anteriormente haviam sido colocados no pescoço do Abiã foram marcados com éjé da ave.
Coloca-se a cabeça da ave num prato de louça branco e o corpo num bacia, para depois se limpo e cozido. O zelador tomou um obé – faca e saudou Ogún, dono deste instrumento:

OGÚN Ê PATACORI JACÍ JACÍ
MUTABÁ BÁBÁ ASÉ

Solicitou-se que trouxesse a galinha branca para o sacrificio. O Ogã segurou-a pelos pés e pelas asas e o zelado cantou:

YEMONÁ SORO SORO Yemonjá faz a cerimônia
EJÉ BALÉ KARAO O sangue cai sobre a terra e acalma

Cortando a cabeça da ave sobre o Ori do Abiã, e todos gritavam:

ODOIYÁ YEMONJÁ Mãe do rio Yemonjá
ERRO IYÁ Calma mãe

Que a saudação Yemonjá. Novamente realizou-se o pacto entre a cabeça do Abiã e a quartinha de barro que representava sua cabeça no Ayé. O zelador marca as mesma partes do corpo do Abiã. A cabeça da ave foi colocada no mesmo prato onde se encontrava a cabeça da pomba.

O zelador cantou-se novamente:

ORÍ ORI ASÉ Cabeça cabeça é força
ASÉ ORI Ó A força da cabeça

Os filhos de santo ali presente gritam:

ODÓ YIÁ MINHA MÃE YEMONJÁ

O zelador tomou outro Obi partindo-o novamente em quatro partes molhando na água da quartinha e proferindo as seguintes palavras:

KAMARA IKÚ Que não haja mortes
KAMARA ARÚN Que não haja doenças
KAMARA OFÓ Que não haja males
KAMARA OJÚ KREKRÉ Que não haja maus olhos
AIKÍ BÁBÁ WÁ Para que o pai dê vida longa

Procedendo novamente a mesma forma de jogo, ao que os quatro cotilédones caírem com suas partes interiores voltadas para cima, representando Aláfiá, sinal de aceitação por parte de Yemonjá de todo aquele ritual.

Segundo a visão de Paulo Ganga D'Esú, por aquela cabeça a partir daquele momento. O zelador fez amarra um ojá pano Ori do Abiã, deitando em seguida.
Uma a uma, oferendas vão sendo louvadas pelo zelado da seguinte maneira:

QUE O MEL TRAGA DOÇURA, AMOR E PAZ A TUA CABEÇA; QUE O AZEITE TRAGA PAZ A TUA CABEÇA; QUE A CANJICA LHÊ DÊ DINHEIRO E AXÉ, QUE O OEIXE TE DÊ FORÇA E PAZ E QUE AS FRUTAS NUNCA LHE DEIXE FALTAREM COMIDA.

Depois essas oferendas são depositadas novamente junto ao Ori do Abiã, o Orogbó não leva nenhuma louvação mais permanece junto as outras oferendas.
Em seguida o zelador pega o Adjá e começa a cantar:

ASÉ NÍ KOJO DE
YEMONJÁ NARÉ WÁ
YEMONJÁ NARÉ WÁ

Os filhos de santo respondem

ASÉ NI KOJÓ DE NARÉ WÁ REWÁ
ASÉ NI KOJÓ DE

Em seguida o zelador cantar outra cantiga:

YEMONJÁ TÁ NA SINDA TÁ NA SINDA
ORI E YEMONJÁ TÁ
YEMONJÁ TÁ NA SINDA TÁ NA SINDA
ORI E YEMONJÁ O

Os filhos de santo respondem igualmente o que foi cantado.

Aos gritos de Odoiya, o zelador encerra os cantos em louvor a Yemonjá, para cantar agora cantigas em louvor a Osáálà que é a divindade responsável pela criação dos homens.

BÁBÁ E O PAWÓ
ARANMI AKURE URE PAWÓ
E UM ARAMIM KURE URÉ
KO ASÉ KE SAMBÁ

ONI SAURÉ
SAURA ASÉ
ONI SAURÉ OBERIOMA
ONI SAURE
A UM LÁSÉ BÁBÁ
ONI SAURÉ OBERIOMAN
SAURA ASÉ Ó

Sacudindo o Adjá o zelador começa a gritar: (Epá epá Bábá – Viva viva o pai), e os filhos de santo tem que responder na mesma intensidades.

Depois dessas saudações o zelador deu por encerrado o ritual do Bori, desejando ao mais novo filho de santo muita sorte, alegria, dinheiro e muitos caminhos.

A mãe pequena céu do Ronko levando com sigo os animais para serem limpos e cozidos, para depois serem trazidos novamente para a mesa de Bori. E assim serem oferenda - dos a cabeça, que agora era de responsabilidade de Yemonjá.

<paulogangad'esú><iléaséibáilégbá>
BORÍ OFERENDA A CABEÇA

MATERIAL NECESSÁRIO PARA O BORI

- 1 casal de pombo branco
- 5 quilos de canjica
- 2 litros de azeite de dendê
- 1 litro de mel
- 2 quilos de feijão fradinho
- 3 quilos de inhame
- 1 peixe de escama
- Frutas diversas
- 2 caixa de creme de arroz
- 3 quilos de farinha de mesa
- 1 litro de gim
- 5 obis
- 5 Orogbó
- 1 bola de ori africano
- 1 tigela de louça branca
- 1 quartinha sem alça de louça branca
- 1 prato raso branco
- 4 búzios grandes
- 1 moeda
- Ervas de acordo com o orixá de cada um
- 1 galo

ENXOVAL BÁSICO

- 2 LENCÓIS BRANCOS
- 3 OJÁ BRANCO
- 2 CALÇOLÃO BRANCO
- 2 CAMISU BRANCO
- 1 FIO DE CONTA BRANCO
- 1 FIO DE CONTA DE YEMONJÁ
- 1 FIO DE CONTA DO SEU ORISA
- 1 esteira

Tem que ser feito uma oferenda para Exu e um egbó, esse as dois rituais juntamente com o Bori, que seriam como dizemos no Candomblé os condutores de asé que agiram, como numa alquimia, sobre os mecanismo que potencializariam individualmente a força vital no corpo espiritual de cada um.

Para a inicialização do ritual começa, com o Abiãn, dormindo na casa de santo, nessa nesse dia receberá informações sobre a casa de santo, sobre os irmãos de santo teria, sobre comportamento mais adequado dentro da comunidade e evidentemente, sobre o zelador,

No dia seguinte no terreiro, antes de que o dia clareasse. O olosayn iniciado que tem atribuição de colher as folhas rituais e preparar os banhos lustrais e infusões de ervas dentro de um ritual chamado “sassayn”.

Na cozinha estão sendo preparado o egbó enquanto os alimentos do bori estavam sendo cozidos.

MATERIAL DO EGBÓ

- 1 padê de mel
- 1 padê água
- 1 padê de dendê
- 1 padê de cachaça
- 1 padê de azeite doce
- 1 padê carvão
- 1 padê waji
- 1 prato de feijão preto cozido
- 1 prato de feijão fradinho cozido
- 1 prato de feijão roxinho
- 1 prato milho amarelo cozido
- 1 prato de arroz cozido
- 7 ovos brancos
- 7 velas brancas
- 1 bacia de pipoca
- Metro de Marin preto, vermelho, branco
- 1 repolho cortado em tiras
- 7 acarajés
- 7 acaçás
- 1 franga vermelha

A Abiã já esta recolhida aguardando o inicio do ritual deitada sobre a esteira, as oito horas da manha o zelador Paulo Ganga dirigiu-se com um ogã ao assentamento de Exu para proceder ao sacrificio do galo e assim foi feito dando inicio ao ritual e em seguida levando o galo para cozinha para ser limpo e cozido para depois voltar ao assentamento de Exu para terminar a oferenda.

Enquanto o galo esta sendo preparado, outra filha de santo prepara o ritual do egbó. Este ritual combina elementos dinâmicos que têm por finalidade limpar os caminhos das pessoas. Procurando canalizar boas energias... Fazendo um “orin específico para esse Egbó” o zelador da inicio ao egbó terminando e levando tudo para uma mata, alto de morro, praia, cachoeira entre outros lugares que são determinados por (Ifá), terminado a abiã é enrolada em um lençol branco e levada para fazer seu banho com sabão da costa .

Em quanto isso o olosayn leva para o ronko as folhas escolhidas, assim como duas bacias grandes as duas com água limpa; uma servira para lavar os apetrechos que comporiam o (Ibá –Ori, cabaça da cabeça), e outra bacia conteria a infusão de ervas que serviria como elemento sacrilizador desses objetos.

Acompanhado do olosayn, de um ogã, duas ekedis, duas iawós, o zelador pai Paulo iniciou o ritual da sassayn. As folhas uma a uma iam sendo quinadas pelo olosayn dentro da bacia com água, e o zelado o acompanhado entoava cantigas relativas a cada Éwé – folha. Cantigas como essas:

- Ewé peregun ala só tituó
Ewé peregun Alá só titu
Bábá peregun Alá ójúresé
Ewé peregun Alá só tiuó

- Ewé pelé pé òní to pé Ewé

Pélé pé ní to pé
Lakáká a fún ó ní fèèrèfè

Pèlè pé òní to pè

- O dundum bábá ter`ré
Odundun bábá teró ré
Monlé te teró ré
Odundun bábá teró ré

- Éwé bábá bábá mi soro
Bábá bábá mi soro

As folhas foram cantadas, na bacia forma-se um liquido verde-escuro de odor bastante agradável e então o zelador pronunciou o seguinte oriki.

- Éwé njé
Ogún njé
Ogún ti ò jé
Ewé ré ní

Ewé wá Sá

Diante do zelador, sentada na esteira de cabeça baixa e contrita, pensando. Com uma bucha feita de sabão da costa besuntada com sabão da costa, o zelador lavou a tigela de louça, o prato, a quartinha os contra eguns, os fios de conta, os búzios e as moedas. Em seguida esses elementos são lavados também com o amanssi e besuntado com ori africano, enrolado em um lençol branco o Abiã é levada ao banheiro do ronko, onde vai ser lavado sua cabeça e corpo com o resto da erva utilizada na lavagem dos objetos símbolo de sua cabeça. Durante o banho ritualístico, acompanhado de todos os filhos de santo ali presente o zelador cantou:

- Omi iawó māmá
Omi iawó māmá
Omi ta ní orí ori ori ó
E māmá só
E máamá só omi
Mo jí ní orí Alá `béri omón

Terminando o ritual do banho o Abiã é levado de volta ao ronko, já vestido de roupa de ração e com a cabeça enrolada com um ojá branco. Senta-se na esteira com os pés esticados com as mãos estendidas espalmadas para cima no joelho. O zelador pede que o Abiã pense no que deseja para si, com os olhos fechado, pois a cabeça a ser louvado seria a dele e, seu poder de realização é individual e intransferível. Retira-se o ojá da cabeça do Abiã, com esse ato o zelador Paulo Ganga da continuidade ao ritual proferindo a seguinte frase:

ORI MO PÉ JÉ ORI MO PÉ MÚ
ORI O
ORI O PE RÉ

Diante da esteira já estava a tigela com os búzios e a moeda, o prato e quartinha, bem como tigela e pratos brancos contendo canjica cozida, oito acaças, frutas diversas, peixe assado, azeite de dendê, mel, gim, água fresca, pimenta da costa, dois obis, ori africano, um casal de pombos brancos pegando um elemento de cada vez o zelador vai tocando a frente, as pontas dos dedos dos pés e as palmas das mãos do Abiã cantando:

- bori bori éwé ó
Kolo bó sé ní kolobo
Igbá ori kan kauré ó

Os filhos de santo respondem

Kolo bó se ní kolobo se ní bolobo

A tigela com o prato agora seriam determinados (Ibá-Ori), ou seja a cabaça da cabeça), estando subjacente a idéia de um local depositário da força vital do ser humano, podendo associa-la miticamente coma cabaça da existência.

A cantiga e é entoado até o momento em que todos os elementos foram saudados, tocando cada um o corpo do Abiã pelas mãos do zelador Paulo Ganga. Este gesto simboliza a ligação entre o elemento vivo e existente, no caso o corpo do Abiã, é o elemento sagrado criado, o Ibá-Ori. O bori propicia a recriação da vida. Anualmente ele

é remontado, cumprindo sua função de normalizado de forças divinas; as que ocupam o universo interior do homem e aquelas advindas do mundo exterior. São forças recorrentes, antagônicas e complementares ao mesmo tempo. Recorrente porque refazem a idéia do nascimento humano. Antagônicas porque derivam de sentidos opostos e complementares em funções de que com o ritual do bori elas se associam, num conjunto de ordem em que o sagrado recriado consome elementos simbólicos, com intuito de tornar a trajetória humana menos dolorosa.

As divindades da criação ressurgem a cada ritual do bori, pois, afinal, a cabeça, mesmo considerada uma divindade, não pode si só. Yemonjá nesse contexto é saudada como símbolo derivado da própria existência. Já vimos sua participação mítica na criação dos seres humanos e sua condição de mãe mítica de todas as cabeças. Associada a Obátálà nesse trabalho, torna-se o símbolo mater na recriação do Ori no ritual do bori. Por isso, canta-se:

- Ori o Yemonjá ní se temi o
Yemonjá ní sé temi ó
Yemonjá ní sé temi ó

Na verdade a cantiga encerra um significado apelativo na denominação dada à mãe das cabeças. Yemonjá foi louvada para que mantivesse a saúde mental da quela cabeça. É chegada a hora de saudar Orúmilà, divindade dente tora do oráculo sagrado de Ifá, aquela que concebe o destino de todos os seres humanos na terra, desde sua concepção. A cantiga seguinte de mostra o papel de Orúmilà:

- Ori ka fé bori o
Ori ka fé já
Ori ka fé já bori o
Ori ka fé já
Ori ka fé Orúmilà
E kobo koto
Ibeti bereke bereke
Ibeti bereke bereke ori janjan

Apanhando o Obi, o zelador abriu ritualmente e, e pergunta ao ori ser as oferendas estavam contento, e se podia seguir o ritual. A aprovação é imediata e todos saúdam o ori dizendo Aláfiá. Em seguida se pega um pedaço pequeno do obi e dê para o Abiã mastigar e engoli e os outros ele mastiga formando uma massa e

Modela em formato cônico chamado (osí), de importância vital nos ritos inicia ticos, coloca em seguida no alto da cabeça da abiã e todos gritam: (Ori ò). Ali esta realizada o primeiro pacto entre o zelador através de sua saliva, representando o (asé) de seu próprio orisá contido em seu corpo, e a cabeça da Abiã.

Obs.: é importante ressaltar que, na religião dos Orisá, tanto a saliva como o suor, o esperma e o sangue humano são vínculos condutores de energia e muito asé. Esse asé provém do orisá individual que o recebe por intermídia de Osáálà. Nesse sentido o Abiã recebe a primeira forma de força sagrada, a do orisá do zelador, o orisá protetor do pai de santo. Até aquele momento Ori está sendo louvado, enquanto Yemonjá receberia as oferendas posteriormente.

O Ori esta agora preparado para receber o (éjè do eyelé) começando pelo pombo macho, com as folhas já preparadas e untadas o zelador com um só golpe decapitou e entoava a cantiga:

- Eiylé
E nwá j'adié
Ojú Mon Mon
Ago álà
Olórun gbá sé
Ojú Mon Mon I'sé

O zelador derrama sobre a cabeça, a tigela, e quartinha e depois demarcando o dedão direito se o pai for falecido e o esquerdo se a mãe for falecida. O fio de miçanga também recebe o sangue.

As cabeças das aves foram colocadas dentro do (Ibá-Ori), pois representava as vidas dos animais sacrificados para continuidade da vida do Abiã na terra. Os corpos são depositados numa tigela e depois de terminado o ritual levado para cozinha para serem limpos e cozidos e retornando como oferenda ao Orí.

Terminado as oferendas o zelador se pega outro obi e abri-se oferecendo ao Ori do Abiã, para saber sobre a aprovação de tudo que foi feito durante o ritual.

O ojá volta a ser amarrado no ori do Abiã devendo permanecer até o dia seguinte, quando todas as oferendas deveriam ser retiradas de sobre sua cabeça, quando a Abiã tomaria seu banho de água limpa, seguido do banho de ervas, fruto de nova colheita.

Ervas que ocorreria na madrugada seguinte. Paulo Ganga com o Ibá ori na mão continua entoando as cantigas com a Abiã diante das oferendas fazendo seus agradecimentos ao ori:

- Orí jé un orí o
Orí jé un
Orí jé un orí o
Orí jé un

Em seguida o pai-de-santo elevou-o em direção ao 'nascer do sol' e cantou:

- Orí onin ke ni so ta renin
Orí onin ke ni so taroyan
O orí alòre oloringena
Iya sa kuale ke ia un so loko
Iya se ke orí ebame egbé
Mo ta un Bori ò

Coloque o Ibá-Ori diante da cabeça do abiã, que permanecia ajoelhada e curvada, e com as mãos espalmadas sobre suas costas, o zelador cantou:

- Omodé kekeré
E nse ni kolá a
E nse ni kolá
E Olórun fún alase
E nse ni kolá

Omodé kekeré
E nse ni tutu
E nse ni tutu
E Olórun fún alase
E nse ni tutu

Omodé kekeré
E nse ni lasun
E nse ni lasun
E Olórun fún alase
E nse ni lasun

Omodé kekeré
E nse ni soro
E nse ni soro
E Olórun fún alase
E nse ni soro

Chegara o momento de o abiã prostrar-se diante de seu Ibá-Ori. Ele agora repousava sobre o chão. Tornara-se receptáculo sagrado de sua cabeça, portanto fonte natural de pertencimento. Do abiã dependeria seu cuidado, sua assepsia e seu alimento. Anteriormente o abiã havia sido ensinado a fazer as reverências tradicionais dos terreiros, e dando seu iká, que é a forma como os filhos de Orixás femininos fazem reverências, ao mesmo tempo em que batia o paô (seqüência de bater palma em número 3-7-3-7-3-7), formulou agradecimento a seu orí, para em seguida dirigir-se ao pai-de-santo, realizando o mesmo ato.

Durante sua reverência ele cantou:

- Asé ko felebe o
Asé ko felebe o
Onin nose io e a
Baise baise potun
Baise baise potun
Oni ka mi ro de

O ritual do bori não so estabelecendo vinculo sagrados entre a cabeça e sua representação material, como também com todo universo humano e material do terreiro.